



Criação de Narrativas na perspectiva do Acolhimento Institucional

Autora Júlia Scher Schreiner
Orientadora Profª Cleci Maraschin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O estudo em questão foi realizado no âmbito do Estágio Curricular de Psicologia e Políticas Públicas na Fundação O Pão dos Pobres de Santo Antônio. Diante do fato da pouca oferta de atividades para crianças em idade pré-escolar propomos uma pesquisa-intervenção com o intuito de buscar estratégias de intervenção que favorecessem a essas crianças a produção de narrativas sobre si e sobre o mundo.

Inspirados pela perspectiva psicanalítica que atravessa os contos de fadas infantis, realizamos a leitura destes contos e disponibilizamos às crianças material de desenho. No transcurso do próprio projeto, e no âmbito da metodologia da pesquisa intervenção, observamos que as produções das crianças ganhavam pouca duração e eram pouco compartilhadas. Assim, na busca da criação de novas formas possíveis de narrativas, que pudessem ser compartilhadas entre as crianças e perpassar a instituição do acolhimento, passamos a incluir, além da narração dos contos, a confecção de álbuns que poderiam contemplar estas diferentes narrativas de si.

Os resultados evidenciaram que além de ampliar seus recursos simbólicos, a narração com a confecção dos álbuns tornava ativo aquilo que escutavam ou mesmo aquilo que lhes perpassa de modo silencioso ou sem nome. Outro ganho da intervenção foi a articulação das histórias entre si. Assim, a história de um poderia também ser semelhante à história do outro. Essa coletivização fazia com que o sofrimento e demais experiências individuais pudessem ser compartilhados e, desse modo, resignificados. No âmbito destas narrativas, se coletiviza também outras maneiras de experienciar as questões de vínculo e de constituição familiar, trabalhadas através da elaboração de árvores genealógicas e fotos inclusas no álbum. As narrativas, enquanto produto e constituição do sujeito, através do desenho do corpo ou de partes deste, produziram um conhecimento e reconhecimento de si em relação aos outros.

“O que importa é que vidas não servem como modelo. Somente histórias o fazem. E é difícil inventar histórias nas quais viver. Podemos apenas viver as histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos, cantados, experimentados eletronicamente, ou podem vir a nós como os murmúrios de nossas mães, dizendo o que as convenções exigem. Seja qual for sua forma ou meio, essas histórias nos formaram a nós todas; são o que precisamos usar para criar novas ficções, novas narrativas”

Heilbrun 1998, p. 37

